



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



## Plantas utilizadas por agricultoras familiares em um xarope medicinal do Século XIX no Quilombo do Remanso, Lençóis, BA

*Plants used by family farmers women in a medicinal syrup of the 19th century in the marrons community of Remanso, Lençóis, BA, Brazil*

FERREIRA, Marcio Harrison dos Santos<sup>1,2</sup>; SANTOS, Lays de Jesus<sup>3,4</sup>

<sup>1</sup>Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Lavouras Xerófilas (XERÓFILAS – IF Baiano/CNPq), PPGBot-UEFS, International Society of Ethnobiology (ISE, Bristol – USA), International Association for Intercultural Education (IAIE, Londres – UK); <sup>2</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPI), Campus Uruçuí; marcio.harrison@gmail.com; <sup>3</sup>Lic. em Ciências Biológicas, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano, Campus Santa Inês); <sup>4</sup>laysjessant@gmail.com

### Tema gerador: Mulheres e Agroecologia

#### Resumo

O presente estudo objetiva listar as espécies, as partes utilizadas como recursos medicinais e o preparo de um xarope por agricultoras familiares do Quilombo do Remanso, Lençóis, BA. O estudo foi desenvolvido em outubro de 2014, utilizando-se entrevistas semiestruturadas e observação participante. São utilizadas as folhas de alecrim da horta (*Rosmarinus officinalis*), alecrim do campo (*Baccharis* sp.), hortelã miúdo (*Mentha* cf. *piperita*), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus*), manjerição (*Ocimum basilicum*), arruda (*Ruta graveolens*), algodão (*Gossypium herbaceum*) e camará (*Lantana camara*); casca de canela (*Cinnamomum zeylanicum*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), angico verdadeiro (*Anadenanthera colubrina*) e umburana (*Commiphora leptofloeos*); flor do camará (*Lantana camara*); e sementes de noz-moscada (*Miristica fragrans*), pixurí (*Licaria puchury*), erva-doce (*Foeniculum vulgare*) e cravo (*Dianthus caryophyllus*), além de mel de abelha “italiana” (*Apis mellifera*). Para o preparo, o material botânico é lavado e submetido à fervura, após o que é coado, misturado ao mel e levado novamente à fervura. O xarope é utilizado para a prevenção e tratamento de diversas patologias, como gripes e resfriados, pneumonias, dor de cabeça, além de ser considerado “fortificante”. Esse preparo tem sido utilizado na medicina popular do quilombo desde a segunda metade do Século XIX.

**Palavras-Chave:** etnobotânica; quilombolas; plantas medicinais; agroecologia.

#### Abstract

The aim of this study was to list the species and parts used as medicinal resources to prepare a syrup of Quilombola community Remanso, Sheets, BA. The study was conducted in October 2014, using semi-structured interviews and participant observation. Its composition includes the leaves of *Rosmarinus officinalis*, *Baccharis* sp., *Mentha* cf. *piperita*, *Plectranthus amboinicus*, *Ocimum basilicum*, *Ruta graveolens*, *Gossypium herbaceum*, and *Lantana camara*; cinnamon bark (*Cinnamomum zeylanicum*), ironwood (*Caesalpinia ferrea*), true angico (*Anadenanthera colubrina*) and umburana (*Commiphora leptofloeos*); camara flower (*Lantana camara*); seeds of *Myristic fragrans*, *Licaria puchury*, *Foeniculum vulgare*, and *Dianthus caryophyllus*; and “Italian” honey bee (*Apis mellifera*). For the preparation, the botanical material is washed and subjected to the boil, after which it is brewed, blended with honey and taken back to the boil. The syrup is used for the prevention and treatment of various diseases such as colds and flu, pneumonia, headache, besides being “fortifier”. This preparation has been used in folk medicine since the quilombo the second half of the nineteenth century.

**Keywords:** ethnobotany; marrons; medicinal plants; agroecology.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



## Contexto

A despeito dos inúmeros estudos já realizados sobre plantas medicinais no Semiárido brasileiro, ainda são incipientes aqueles que discutem prioritariamente as formas alternativas de uso, como os xaropes e “lambedores”, ainda relativamente comuns entre as populações tradicionais dessa região. A comunidade do Remanso (Lençóis – BA), é um dos três remanescentes quilombolas localizados no Pantanal do Marimbus no coração da Chapada Diamantina, região historicamente marcada pela vocação para a exploração do ouro e pedras preciosas. Antes do século XVII a região dos Marimbus era pouco povoada, sendo habitada principalmente por índios Carirís e Maracás. Até por volta de 1720, as fazendas da região tinham como atividade econômica principal a mineração clandestina de ouro e a agropecuária, após o que ricos comerciantes da capital baiana e senhores de engenho chegam a Chapada carregando seus escravos (Castro, 2012). Os negros trazidos como escravos acabavam muitas vezes oferecendo resistência aos maus tratos e, então, fugiam e embrenhavam-se nas matas, sobretudo próximo aos rios, formando grupos organizados, e que tinham sua expressão máxima na fundação dos quilombos.

É nesse contexto que emerge a fundação do Quilombo do Remanso, notadamente na figura do Sr. Manoelzinho, às margens do Pantanal do Marimbus. Segundo Castro (2012), esse autointitulado “remanescente de quilombo” até pouco tempo parecia se “esconder” do mundo para poder vivenciar suas crenças, símbolos e representações, o que em grande medida deve ter contribuído para a manutenção de algumas tradições de uso, como o xarope medicinal aqui estudado. Por exemplo, ainda hoje algumas casas são cobertas com palha de papiro, licurioba ou licuri, assim como eram no século XIX, quando da fundação do Quilombo. O Remanso foi reconhecido como “remanescente das comunidades quilombolas” em 2004. O presente relato de experiência técnica é oriundo de um estudo etnobotânico e de catalogação de plantas utilizadas pelas agricultoras familiares, desenvolvido em 2014 na Comunidade Quilombola do Remanso, localizada na Chapada Diamantina, Bahia. Objetiva-se listar as espécies e as partes utilizadas como recursos medicinais no preparo de um xarope por mulheres da comunidade, além de descrever a forma de preparo do mesmo e sua importância para ações na transição agroecológica, a fim de promover a valorização e o manejo sustentável da flora medicinal local.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



## Descrição da Experiência

O estudo foi desenvolvido em outubro de 2014, durante excursão e trabalho de campo no âmbito da disciplina de Sistemática Vegetal do Curso de Lic. em Ciências Biológicas do IF Baiano (Turma 2012.2). Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante com algumas agricultoras familiares que, a partir da técnica da bola-de-neve, onde os participantes sugerem outros participantes para serem entrevistados (e.g., Weiss, 1994), indicaram uma moradora de 81 anos (Dona J.), reconhecida por todas as entrevistadas como uma informante-chave para o estudo etnobotânico do tradicional xarope de plantas medicinais do Remanso.

Antes, é preciso contextualizar brevemente a inserção do uso desse xarope nas tradições locais e enquanto elemento do patrimônio biocultural desses quilombolas. Segundo relatos dos entrevistados e um levantamento bibliográfico não-exaustivo, a população do Remanso era predominantemente católica, com destaque para a devoção a São Francisco das Chagas, padroeiro local. Entretanto, paralelamente e através do sincretismo religioso, muitos “batiam” o Jarê:

“[...] um tipo de candomblé rural bastante sincrético que se desenvolveu na Chapada Diamantina (Bahia). As principais atividades terapêuticas realizadas em um terreiro de Jarê são as revistas e o trabalho. [...] O trabalho (ritual de cura) representa, em larga medida, a resolução pública da história construída no contexto privado da revista. Na cosmologia do Jarê, cura é um estado de constante negociação com o meio-ambiente; uma posição a ser mantida pelo indivíduo em um mundo de surpresas e ameaças, onde interagem continuamente pessoas, coisas e espíritos sob os quais os seres humanos não podem exercer total controle” (Alves e Rabelo, 2009).

A autoridade máxima no Jarê fica concentrada em mãos masculinas e esses homens são denominados curadores e guardiões dos segredos das plantas de poder. No Remanso, essa autoridade estava concentrada nas mãos do Sr. Manoelzinho, a quem todos respeitavam como conhecedor das ervas e dos ritos de cura. Com a sua morte, em 2005, o quilombo perdeu essa “autoridade”, mas a medicina tradicional manteve-se até hoje por conta da transmissão oral dos saberes e tradições. Nossa informante-chave (Dona J.) afirmava ser essa a principal “fortaleza” dos moradores do Remanso em questões do tratamento de doenças, principalmente devido as grandes distâncias e difícil acesso para as cidades mais próximas e à falta de água encanada e de luz elétrica (que chegou em 2002), o que contribuiu para fortalecer a importância da transmissão oral, seus saberes, suas raízes e sua história, que eram resguardadas nas rodas de conversas com vizinhos.



Nesse sentido, essas ações e cuidados na manutenção de suas tradições estão em consonância com os princípios da Agroecologia e da defesa do patrimônio biocultural (e.g., Toledo e Barrera-Bassols, 2015). Em uma tarde de outubro de 2014 transcorreu nossa principal observação participante do preparo do xarope por Dona J., em sua residência às margens do Pantanal do Marimbus (Figura 1). Além do cunho científico desse encontro, é importante destacar seu valor didático ao valorizar o multiculturalismo, a interculturalidade e a troca e diálogo de saberes (acadêmicos e tradicionais/locais).



**Figura 1** – Observação participante durante estudo etnobotânico do xarope de plantas medicinais do Quilombo do Remanso, Lençóis, BA (out./2014).

## Resultados

Na confecção do xarope são utilizadas as folhas de alecrim da horta (*Rosmarinus officinalis*), alecrim do campo (*Baccharis* sp.), hortelã miúdo (*Mentha* cf. *piperita*), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus*), manjeriço (*Ocimum basilicum*), arruda (*Ruta graveolens*), algodão (*Gossypium herbaceum*) e camará (*Lantana camara*); casca de canela (*Cinnamomum zeylanicum*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), angico verdadeiro (*Anadenanthera colubrina*) e umburana (*Commiphora leptofloeos*); flor do camará (*Lantana camara*); e sementes de noz-moscada (*Miristica fragans*), pixurí (*Licaria puchury*), erva-doce (*Foeniculum vulgare*) e cravo (*Dianthus caryophyllus*), além de mel de abelha “italiana” (*Apis mellifera*, Apidae) produzido na própria comunidade (Figura 2).

Para o preparo, todo o material botânico é lavado e submetido à fervura conjuntamente (exceto o pixurí e a noz-moscada), após o que é coado, misturado ao mel e levado novamente à fervura, até atingir um ponto de consistência definido como “ótimo” pelas informantes. Finalmente, adiciona-se pixurí e noz-moscada ralados. O xarope é utilizado para a prevenção e tratamento de diversas patologias, como gripes e resfriados,



pneumonias, dor de cabeça, além de ser considerado “fortificante”. Esse preparo tem sido utilizado na medicina popular do quilombo desde a segunda metade do Século XIX, embora na atualidade apenas a Dona J. continua realizando essa prática.

Apesar de ainda fazer parte de uma tradição quilombola secular, e ser utilizado para o tratamento de inúmeras patologias, esse xarope infelizmente encontra-se em crescente desuso pela comunidade e verifica-se, no geral, um desinteresse da juventude pelas plantas medicinais. Por outro lado, ressalva-se que conhecimentos e práticas como essas tem sido estimuladas e discutidas na escola quilombola local, possibilitando o resgate e valorização desses conhecimentos/saberes e do protagonismo feminino na transição agroecológica e manutenção do patrimônio biocultural. Além disso, são informações importantes para a adoção de medidas de conservação e eventuais projetos e planos de manejo que incluam essa e outras áreas quilombolas do Pantanal dos Marimbus.



**Figura 2** – Diversidade das plantas medicinais listadas no estudo etnobotânico do xarope de plantas medicinais do Quilombo do Remanso, Lençóis, BA (out./2014).

### Agradecimentos

Às agricultoras familiares do Quilombo do Remanso pela acolhida ao nosso estudo, especialmente à Dona J., detentora dos saberes ancestrais de cura do saudoso “Seu Manezinho”. À equipe do “Grãos de Luz e Griô” pelo suporte logístico durante os deslocamentos e estada no Remanso. À Profa. Marisela Pi Rocha, por oportunizar momentos de interdisciplinaridade em nossa viagem técnica. Ao IF Baiano, pelo suporte financeiro.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



## Referências bibliográficas

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. O Jarê: religião e terapia no candomblé de caboclo. In: **Anais do V Enecult, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, 2009. Salvador: UFBA, 2009.

CASTRO, H. H. R. **As tramas entre o global e o local na realidade quilombola: um reflexo da modernidade**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. São Paulo: Universidade Paulista, 2012. 106 p.

WEISS, R. S. **Learning from stranger: the art and method of qualitative interview studies**. New York: The Free Press, 1994.

TOLEDO, M. V.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.